
O conhecimento histórico a partir de Hayden White e Paul Ricoeur

Aureni Moraes Ribeiro

*Licenciada em História pela Universidade Federal de Rondônia
e bacharel em comunicação social pela Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e
Letras de Rondônia*

Elton da Silva Chaves

Licenciado em História pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Resumo

A intenção deste artigo é descrever e analisar as principais contribuições do historiador estadunidense Hayden White e do filósofo e pensador francês Paul Ricoeur acerca do conhecimento histórico. Os dois representam duas vertentes de interpretação para a mesma temática e são considerados os principais responsáveis pela retomada dos debates e críticas epistemológicas sobre a historiografia no século XX. Desta forma se faz uma breve revisão bibliográfica sobre o tema em questão.

Palavras-Chave: História, narrativa, interpretação, historiador

Abstract

The intent of this article is to describe and analyze the main contributions of U.S historian Hayden White and French thinker and philosopher Paul Ricoeur about historical knowledge. The two represent two strands of interpretation of the same theme and are considered the main responsible for the resumption of the debate on the epistemological and critical historiography in the twentieth century. Thus with a brief literature review on the topic in question.

Keywords: History, narrative, interpretation, historian

Introdução

Desde Heródoto até hoje, as narrativas históricas vem sofrendo algumas transformações em suas “formulações”. Na Grécia com Tucídides e Heródoto a chamada “História Clássica” era baseada em observações. Somente após este feito é que se realizava a narrativa. Durante a Idade Média, a história é voltada para a construção de uma história dogmática, baseada nas ideias do cristianismo e da ocidentalidade.

A partir dos positivistas (século XIX), começa a questão de como fazer da história uma ciência, onde era necessário construir um passado “ideal” para justificar o presente. Por exemplo, para construir a história das nações era necessário criar todo um “sistema” histórico que justificasse a estrutura desse funcionamento.

De acordo com Cardoso e Brignoli (2002)¹ no começo deste século o panorama da historiografia era dominado por uma concepção, herdada do século XIX, denominada de “história historizante” (Henri Berr), ou “história episódica” (évenementielle, Paul Lacombe). Segundo esta concepção, a missão do historiador consistiria em estabelecer a partir de documentos os “fatos históricos seriam aqueles fatos singulares, individuais, que “não se repetem”; o historiador deveria recolhê-los todos, objetivamente, sem optar entre eles, seriam encarados como a matéria da história, que já existiria latente nos documentos, antes do historiador ocupar-se destes. Sua coordenação em uma cadeia linear de causas e consequências constituiria a síntese, a apresentação dos fatos estudados: fatos quase sempre políticos, diplomáticos, militares ou religiosos, muito raramente econômicos ou sociais. Obviamente, a realidade do funcionamento deste modo de fazer história não correspondia à visão que os historiadores de então tinham de sua disciplina.

¹ CARDOSO, Ciro Flamarion. BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da história**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

Certo de suas “ciências auxiliares” lentamente elaboradas no curso dos séculos para servirem à crítica externa e interna dos documentos, seguros do conjunto de regras de seus métodos, os historiadores, em geral estavam longe de perceber que os famosos “factos históricos”, supostamente uma realidade exterior e substancial que se impõe ao pesquisador eram, antes, uma criação deste, que embora não evidenciassem, explícitas, uma teoria explicativa ou hipóteses de trabalho, nem por isto deixavam de existir – e determinavam a seleção de objetos e dos documentos; a elaboração dos “fatos” a partir de tais testemunhos; e sua exposição ordenada. (CARDOSO e BRIGNOLI, 2002, p.22).

Ainda segundo Cardoso e Brignoli (2002), o motor da evolução recente da história foi, e continua a sê-lo, o contato com as demais ciências do homem menos estruturadas, a história também se mostra mais aberta, menos rígida menos resistente à mudança do que as outras disciplinas. Mas as modalidades e a intensidade do contato foram variáveis.

Hayden White e Paul Ricoeur foram autores que contribuíram para reavivar o debate epistemológico na história no século XX, concebendo uma nova forma de realizar o conhecimento. Nascido nos Estados Unidos, o historiador Hayden White, se destacou como um dos principais teóricos da história contemporânea, entre as suas principais obras estão: *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*, *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura e Teoria literária e escrita da história*. Outro que se destaca no campo da teoria histórica é o filósofo e pensador francês, Paul Ricoeur. Responsável pela valorização da hermenêutica escreveu diversos livros. Destaque para *História e verdade*; *Tempo e narrativa*, e *a Memória, a História e o Esquecimento*. Nos parágrafos a seguir examinaremos os pensamentos destes dois grandes autores.

1. Questionando o passado e a história

A crítica epistemológica que se faz da história a partir de Ricoeur e Hayden White refuta a forma de se fazer história até então, e afirma que o passado seria algo imaginário e que por meio da escrita se transformaria em criação e adquiriria forma.

Porém o passado mesmo, em si, não pode ser descrito. História é criação, uma montagem porque a imparcialidade é difícil, sempre há uma interferência do historiador. Uma coisa importante a se notar é que se o passado é imaginário, logo pode ser interpretado de diversos modos, isto faz da história um quebra-cabeça depois de montado, em que todas as peças estão ali reunidas, porém, ainda assim vemos as divisões, apesar de vermos bem à figura ou a imagem. As fissuras estão bem ali, destacadas, visíveis, conseguimos inclusive perceber a forma.

O problema é que em uma escrita, não vemos as fissuras, porque não queremos, mas estar lá. Às vezes a falta de ligação pode estar bem clara, mais nossa preocupação em aprender a história nos cega, tudo por que confiamos demais, presos no presente vítimas das nossas sensações.

O historiador é importante neste sentido porque através de sua interpretação sobre os documentos pode preencher lacunas de informação, que aliadas ao texto tomam forma e sentido. Pode-se desta forma subentender que a história é uma construção, e que o historiador é o que constrói os fatos.

Muitos autores colocam em dúvida a veracidade científica da história justamente por seu caráter interpretativo por parte dos historiadores. Não se sabe até onde vai sua imparcialidade. Desta forma o autor Hayden White (2001) esclarece que:

Certamente, o problema da interpretação na história tem sido tratado justamente com as tentativas de analisar a obra dos grandes “meta-historiadores” supõe-se geralmente que os “filósofos explicativos da história” como Hegel, Marx, Spengler e Toynbee trabalham mais com “interpretações” mais ou menos interessantes da história do que com as supostas “explicações” que afirmam ter fornecido. (WHITE, 2001, p. 66)²

Na meta-história, a história é contada através de ideologias, onde os aspectos explicativos e interpretativos se misturam e caminham conjuntamente. A filosofia explicativa se torna uma preocupação por parte destes historiadores na construção das

² WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

narrativas e de suas escolhas. O uso de elementos literários também se destaca. Por exemplo, temos: O 18 de Brumário de Luiz Bonaparte de Karl Marx e a Feiticeira de Jules Michelet. “Na meta-história, em contrapartida, os aspectos explicativos e interpretativos da narrativa tendem a andar juntos e a se confundir de modo a dissolver a sua autoridade de representação do “que aconteceu” no passado a explicação válida da razão por que aconteceu como aconteceu.” (Hayden White, 2001. P. 66) ³.

Com a História transformada em ciência no século XIX. Muitos historiadores começam a fazer diversas definições acerca da interpretação. Ranke fala da objetividade da história; Hegel, Droysen, Nietzsche e Croce viam na interpretação a própria alma da história. Hegel a classifica como universal, pragmática, crítica e conceitual. Droysen em conceitual, condicional, psicológica e ética. Nietzsche em monumental, antiquaria, crítica e super-história. Croce em romântica, idealista e crítica.

Todos esses historiadores de alguma forma discordavam da posição de Ranke de que a história é imparcial e irrefutável. Eles acreditavam que sobre a história pesava sim um aspecto inventivo na investigação.

Droysen defende que a interpretação é importante porque o registro histórico por si só é incompleto. Nele você pode ver o que aconteceu, mas não porque aconteceu e como aconteceu. Foi um forte opositor as ideias positivistas e “A maneira romântica de se fazer história”⁴. Nietzsche diz que a interpretação é necessária em função da objetividade do historiador. É preciso pensar uma coisa junto com outra e tecer os elementos num todo singular.

A explicação narrativa pode variar de autor para autor. Que pode contar a história de várias formas até sobre determinados fatos. Exemplo a Revolução Francesa

³ WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

⁴ MERTENS, Roberto S. Kahlmeyer. **Produção científica**. Revista Litteris. N°9, ano4. Resenha de: DROYSEN, Johann Gustav. Alexandre o Grande. Tradução: Trad. Regina Schöpke; Mauro Baladi. Editora: Contraponto, 2010.

pode ser contada como um romance ou como uma tragédia. Dependendo do historiador e da forma que mais lhe interessar.

Hayden White (1995)⁵ considera o trabalho histórico como uma estrutura verbal, na forma de discurso narrativo em prosa, que pretende ser um modelo de sistemas e processos passados. White distingue cinco níveis de conceitualização na obra histórica: Em primeiro lugar a crônica, que seria registro de acontecimentos onde a função do historiador seria transformar em estória; em segundo a estória, que seria uma narrativa coerente, dotada de início, meio e fim, com forte interferência criativa do historiador; o terceiro o modo de elaboração de enredo, estória romanesca, comédia, tragédia; o quarto seria o modo de argumentação; e por último o modo de implicação ideológica.

Para os historiadores existem diversas formas de tramar o enredo, que pode se apresentar em forma de: romance, ou seja, uma narrativa geralmente extensa, heróica e que sempre ocorre paralela a várias ações. Esta forma de enredo é minuciosamente descritiva; por comédia, carregada de humor e comumente trata de situações comuns do homem; a tragédia a forma mais séria de todas, geralmente drama e sofrimento e a sátira que trabalha temas, ridicularizando-os como a sociedade e o governo. Desta forma White (1992) destaca:

A tardia invenção do discurso histórico na história da humanidade e a dificuldade de mantê-lo em épocas de crises cultural (como na alta Idade Média) sugere a artificialidade dos acontecimentos reais poderiam “falar por si mesmos” ou representar-se como acontecimentos que “contam sua própria história” (White, 1992, p.19. Tradução nossa)⁶

⁵ WHITE, Hayden: **Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX** (tradução de José Laurênio de Melo), São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

⁶ La tardia invencion del discurso histórico em la historia de la humanidad y la dificultad de mantenerlo em épocas de crisis cultural (como em la alta Edad Media) sugiere la artificialidad de la idea de que los acontecimientos reales podrian << hablar por si mismos>> o representarse como acontecimientos que << cuentan su propia historia>> (WHITE, 1992, p.19)

Hayden White⁷ (2001) trabalha conceitos de explicação da história são eles o: Ideográfico que significa que os fenômenos variam de lugar e que a análise deve integrar o maior número de fenômenos inter-relacionados; Organicista baseado no funcionamento do corpo as sociedades são tão reais quanto um organismo vivo, uma totalidade com leis e atributos específicos; Mecanicista onde todos os fenômenos que se manifestam são mecanicamente determinados, divididos, ordenar, classificar, o quantitativo sobrepõe ao qualitativo e o contextualista forma de relativismo cultural, o valor da verdade de acordo com o contexto.

O crítico literário e historiador Hayden, ainda explica que, há modos de implicações ideológicas: Anarquista que é a ausência do Estado contra a hierarquia, o Conservador tradicionalistas, se contrapõe a mudanças abruptas. Radical reformista prega o uso de ações extremas para gerar mudanças completas e imediatas, o Liberal, liberdade individual vontade da maioria livre de qualquer fundamento, filosofia ou política que limita a liberdade do indivíduo. “O Historiador enfrenta o registro histórico factual, não como um mero receptor passivo, e sim portando sempre um conjunto de preconceitos implícitos sobre a natureza e o sentido da história humana.”⁸ (CABRERA, 2005, p.119. Tradução nossa)⁹. Desta forma é importante ressaltar o pensamento de White (1992)¹⁰:

Os historiadores não tem que relatar suas verdades sobre o mundo real em forma narrativa. Podem optar por outras formas

⁷ WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

⁸ “El historiador se enfrenta al registro histórico factual no como um mero receptor pasivo, si no portando siempre um conjunto de preconcepciones implícitas sobre la naturaleza y el sentido de la historia humana.” (CABRERA, 2005, p.119)

⁹ CABRERA, Miguel Angel. Hayden White y la teoria del conocimiento histórico. Uma aproximación crítica. In: **Pasado y Memoria**. Revista de História Contemporânea, 4, 2005. p. 117-146.

¹⁰ WHITE, Hayden. **El contenido de la forma narrativa, discurso y representación histórica**. Barcelona: Paidós, 1992.

de representação, não narrativas ou inclusive antinarrativas, como a mediação, a anatomia ou o epítome Tocqueville, Burckhardt, Huizinga e Braudel, citando somente aos mestres mais destacados da historiografia moderna, recusaram a narrativa em algumas de suas obras historiográficas, presumidamente a partir da suposição de que o significado dos acontecimentos a partir da suposição de que o significado dos acontecimentos que desejavam relatar não era suscetível de representação em modo narrativo. Negaram-se a contar uma história do passado ou, melhor, não contaram uma historia com etapas inicial, intermediária e final bem delimitada, não impuseram aos processos que interessavam a forma que normalmente associamos a narração histórica. Se bem que o certo que narravam à realidade que percebiam, ou que pensavam que percebiam, como existente em ou detrás da evidência que haviam examinado não narrativizavam essa realidade, não colocavam a forma de um relato, e seu exemplo não permitia distinguir entre um discurso que narrativiza, entre um discurso que adota abertamente uma perspectiva que olha o mundo e o relata e um discurso que finge fazer falar ao próprio mundo e falar como relato. (WHITE, 1992, p.18. Tradução nossa)¹¹

A ligação existente entre a historiografia e a arte literária coloca a história como “criação”, por tudo isso, sujeita a crítica por parte de teóricos contemporâneos que

¹¹ Los historiadores no tienen que relatar sus verdades sobre el mundo real em forma narrativa. Pueden optar por otras formas de representación, no narrativas o incluso antinarrativas, como la meditación, la anatomia o el epítome Tocqueville, Burckhardt, Huizinga e Braudel, por citar solo a los maestros más señalados de la historiografía moderna, rechazaron la narrativa em algunas de sus obras historiográficas, presumiblemente a partir de la suposición de que el significado de los acontecimientos a partir de la suposición de que el significado de los acontecimientos que deseaban relatar no era susceptible de representación em modo narrativo. Se negaron a contar una historia del pasado o, mas bien, no contaron una historia com etapas inicial, intermedia y final bien delimitada, no impusieron a los procesos que interesaban la forma que normalmente asociamos a la narración histórica. Si bien es cierto que narraban la realidad que percibían, o que pensaban que percibían, como existente em o detrás de la evidencia que habían examinado, no narrativizaban esa realidad, no Le imponían la forma de um relato, y su ejemplo no permite distinguir entre un discurso que narrativiza, entre um discurso que adopta abiertamente una perspectiva que mira al mundo y lo relata y um discurso que finge hacer hablar al propio mundo y hablar como relato (White, 1992, p.18)

determinam que a história só seria determinada como ciência se fosse possível identificar as leis que determinam os processos históricos, senão se recolheria apenas no campo da explicação. Claude Lévi-Strauss (1976)¹² em o “Pensamento Selvagem” diz que as narrativas históricas “esquema fraudulento” imposto pelo historiador sobre “dados”. Ele acredita que a história não é ciência é um método que contribui para tal. Ainda outro grupo defende que mesmo com seu aspecto literário ela ainda não perde seu caráter científico. Muitos críticos da historiografia dizem que os próprios registros históricos são interpretações.

O fato histórico seria uma abstração criada pelo historiador. Por isso, a história não poderia alcançar uma verdade objetiva como queriam os positivistas. No final das contas acaba pertencendo ao domínio da mitologia segundo o Lévi-Strauss.

Partindo do princípio de que a história sofre um processo de interpretação de acordo com Hayden White, vejamos o que é interpretar na visão de um dos principais hermeneutas Paul Ricoeur.

Gentil (2008)¹³ diz que para Paul Ricoeur toda interpretação tem que passar pelo campo simbólico entender como funciona, ou seja, entender seus múltiplos significados para enfim interpretar, que para o autor é esclarecer esses sentidos. Aplicando sua definição a História entende-se que a linguagem é fundamental neste processo de interpretação bem como seus símbolos.

Para ele texto, é todo discurso fixado pela escrita. Levando em conta que discurso é entendido neste momento como código do qual se organiza uma fala. Uma vez o texto escrito e passível de múltiplas significações. Toma vida própria independente de seu autor e das intenções que quis passar. O texto ganha autonomia. Divide-se entre o que autor quis dizer e o que ele passa a significar dependendo agora

¹² Levi-Strauss, Claude. **O pensamento selvagem**. SP, Ed. Nacional, 1976.

¹³ GENTIL, Hélio Salles. **O que é interpretar: o mundo da ação e o mundo do texto**. In: Mente, Cérebro e Filosofia. São Paulo. 11º ed. p. 16 - 25. 2008.

do leitor que o interpreta ao seu bem querer. Mundo da ação da escrita do autor e o mundo do texto este do leitor. Da sua experiência humana. Mas o que não significa que todas as interpretações são válidas. Segundo Paul Ricoeur vai ser desenvolvido métodos para uma análise estrutural de seu texto todas partindo da linguística.

Desta forma o processo a interpretação é um processo dialético e que tem dois momentos, o da explicação e da compreensão.

Hayden White (2001)¹⁴, no texto *Trópicos do Discurso* explica justamente a diferenciação de explicação e interpretação. Para ele toda a historiografia substancialmente impregnada de interpretações em suas narrativas. Pois todas as interpretações passam por um processo de seleção que considera mais relevante. Exclusão essas feitas a partir da visão do historiador.

Na verdade, ao lidar com o termo discurso, White não está se referindo exclusivamente ao discurso de tipo historiográfico, mas antes, aos discursos produzidos pelas ciências humanas em geral. Sua teoria, porém, ganha em concretude e valor para a historiografia quando se desloca do termo geral do discurso, para o específico discurso historiográfico, cuja materialização verbal ocorre por meio da narrativa historiográfica. White sugere que o objetivo do discurso historiográfico é tornar o desconhecido conhecido. Isto é, o historiador busca tornar compreensível o que antes se mostrava obscuro; busca transformar algo não - familiar em familiar, tanto para ele mesmo quanto para um suposto leitor a quem o texto será destinado (MELLO, 2008, p. 123)¹⁵.

Desta forma, um historiador que se ocupa com um certo tema, em um tempo e espaço específico, e se depara com uma massa de dados e informações (suas fontes, outros relatos historiográficos e tradições que permanecem presentes), precisa transformar o caos em um objeto ordenado. White sugere que esse movimento de tornar familiar o não-familiar é uma

¹⁴ WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo, 2001.

¹⁵ MELLO, Ricardo Marques de. **Teoria do discurso de Historiográfico de Hayden White: Uma Introdução**. In: Revista OPSIS. Departamento de História e Ciências Sociais. Volume 8, nº 11. 2008.

ação da consciência humana. Mas a consciência não efetua essa transformação de qualquer maneira. Ela o faz enquadrando a massa de informações caóticas em um arquétipo, em um modo ou modelo de organização lingüística que torna o desconhecido ou incompreensível matéria compreensível e conhecida. (MELLO, 2008, p.123)

A partir deste conceito, cabe ao historiador buscar a melhor maneira para se analisar essas narrativas, como forma de perceber não só o que está escrito, mas também o modo que se construiu a narrativa. Nesse momento faz-se necessário discutir a questão da interpretação. Sobre a interpretação Ricoeur (2000)¹⁶ ressalta:

Falar da interpretação no final de uma operação é tratar como um complexo-incorporado aos enunciados objetivadores do discurso histórico. Se pode distinguir vários componentes neste complexo, em primeiro lugar o desejo de esclarecer, de explicitar, de abrir um conjunto de significações considerados escuros para uma melhor compreensão por parte do interlocutor; depois o reconhecimento do fato de que sempre é possível interpretar de outro modo o mesmo complexo, e por tanto a admissão de um mínimo inevitável de controvérsia, de conflitos de interpretações rivais, depois da pretensão de datar a interpretação assumida de argumentos plausíveis, possivelmente prováveis, submetidos a parte adversa; finalmente, o reconhecimento de que atrás da interpretação existe sempre um fundo impenetrável, opaco, inesgotável, de motivações pessoais e culturais, que o sujeito nunca terminou de explicar. (RICOEUR, 2000, P.439. Tradução nossa)¹⁷

¹⁶ RICOEUR, Paul. **La Memoria, la historia, el Olvido**. Fondo de Cultura de Argentina S.A. Septiembre, 2000, Buenos Aires, Argentina.

¹⁷ “Hablar de la interpretación en término de operacion es tratarla como um complejo-incorporado a lós enunciados objetivadores del discurso histórico. En este complejo se pueden distinguir varios componenstes, em primer lugar, el deseo de clarificar, de explicitar, de desplegar um conjunto de significaciones consideradas oscuras para uma mejor comprensión pó parte del interlocutor; después el reconocimiento del hecho do que siempre es posible interpretar de otro modo el mismo complejo, y pó tanto, la admisión de um mínimo inevitable de controvérsia, de conflicto entre interpretaciones rivales, después, la pretensión de datar la interpretacion asumida de argumentos plausibles, posiblemente probables, sometidos a la parte adversa; finalmente, ele reconocimiento de que detrás de la interpretación.

Interpretar para Paul Ricoeur seria participar de um processo de construção de significados. Trata-se de entender de que maneira cada interpretação se realiza e ganha sentido no interior do que ele nomeia como um “arco hermenêutico”. De acordo com Ricoeur (1999)¹⁸, as experiências vividas permanecem em parte privadas. Porém, ao ocorrer sua significação elas tornam-se públicas.

Ao fazer essa análise Ricoeur, coloca em prática sua ideia de explicar e compreender. Para ele, é preciso explicar mais, para se compreender melhor, ou seja, o filósofo analisa a dialética entre explicar e compreender na teoria do texto, teoria da ação e a teoria da história. Essa ligação dialética tem como consequência uma relação extremamente complexa e paradoxal entre as ciências do homem e as ciências da natureza.

Nesse contexto a interpretação seria um processo complexo que englobaria dois estágios distintos, mas complementares: objetividade e subjetividade. O mundo do texto surge da objetividade da obra com a subjetividade do autor. Assim, o que há de se compreender numa narrativa não é, em princípio, aquele que fala por trás do texto, mas aquilo que se falou a coisa do texto, a saber, a espécie de mundo que de certa forma a obra revela, ou seja, há uma ruptura entre o mundo do texto e o mundo do leitor.

Outra questão de muita discussão são as diferenças entre os historiadores e os literários, pois alguns autores levam em consideração o problema da ficcionalidade da história, porém, os historiadores na sua maioria não aceitam essa colocação.

Deve-se levar em consideração que, ao interpretar ou construir a narrativa, o historiador coloca seus sistemas de crenças, simbologias, linguagens etc., ou seja, coloca suas ideias e sua visão de mundo.

subsiste siempre un fondo impenetrable, opaco, inegotable, de motivaciones personales y culturales, que el sujeto nunca há terminado de explicar.” (RICOEUR, 2000, P.439)

¹⁸ RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1999.

De acordo com Gentil (2008)¹⁹ texto para Paul Ricoeur é todo discurso fixado pela escrita. Levando em conta que discurso é entendido neste momento como código do qual se organiza uma fala. Uma vez o texto escrito ele se torna passível de múltiplas significações. Toma vida própria independente de seu autor e das intenções que o mesmo quis passar. O texto ganha autonomia, se divide entre o que autor quis dizer e o que ele passa a significar dependendo agora do leitor que o interpreta ao seu bem querer. Ricoeur (1997)²⁰ frisa que o historiador deve então aproximar do presente as expectativas puramente utópicas por uma ação estratégica atenta aos primeiros passos a dar na direção do desejável e do razoável; por outro lado, resistir ao encolhimento do espaço de experiência, libertando as potencialidades inexploradas do passado.

É preciso entender que apesar das divisões: mundo da ação da escrita do autor e o mundo do texto, este do leitor, da sua experiência humana. Não significará que todas as interpretações serão válidas, pois segundo a teoria de Paul Ricoeur métodos serão desenvolvidos para uma análise estrutural do texto todas partindo da linguística.

Desta forma o processo de interpretação é um processo dialético, e que tem dois momentos o da explicação e da compreensão.

De acordo com Mello (2008)²¹, Hayden White diferentemente de Ricoeur, não se ocupa com a fase documental. Mais especificamente, ele investiga e privilegia os aspectos explicativos e representativos do discurso. Isso não permite afirmar, contudo, que ele desconsidere ou dispense a presença de documentação no ofício do historiador, mesmo por que, para se distinguir entre boa e má historiografia, escreve White, sempre se pode “recorrer a critérios como a responsabilidade perante as regras da evidência”.

¹⁹ GENTIL, Hélio Salles. **O que é interpretar: o mundo da ação e o mundo do texto**. In: Mente, Cérebro e Filosofia. São Paulo. 11^o ed. p. 16 - 25. 2008.

²⁰ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa (vol.3)**. Trad.Roberto L. Ferreira. Campinas,SP: Papirus, 1997.

²¹ MELLO, Ricardo Marques de. **Teoria do discurso de Historiográfico de Hayden White: Uma Introdução**. In: Revista OPSIS. Departamento de História e Ciências Sociais. Volume 8, nº 11. 2008.

Outro ponto de diferença que merece destaque é que Paul Ricoeur não leva apenas em consideração os lugares sociais, teóricos e institucionais de quem a escreve, como também quem lê a obra, o seu gesto de ler. O outro é uma preocupação permanente na filosofia de Ricoeur.

Considerações finais

A história até o positivismo tinha uma única narrativa, consensual, onde todos tinham que se reconhecer. Este quadro acaba gerando de certa forma contradições, ou seja, como fazer uma história única, onde todos se reconheçam? Quase impossível, porém esta forma de se fazer história foi utilizada por muito tempo, como por exemplo, para construção da identidade de nação. A história una, teve como prioridade venerar e conservar costumes. A pluralidade de vozes e narrativas não tinha espaço nessa concepção de se fazer história.

A escolha dos narradores e dos documentos pelos historiadores foi de fundamental importância nestas obras. Seus principais aspectos eram de uma história cronológica e evolutiva “a grande narrativa, a verdade histórica” e só as histórias que tinham relevância política e econômica apareciam. Uma das principais críticas era de que essa forma de fazer história apenas sabia conservar e não criar e incluir.

Muitos historiadores vão se voltar contra essa posição, como é o caso da história marxista que vem se contrapor a essa visão. A história marxista vai contar a história através de outros pontos de vista, o de produção, da comuna e da luta de classe.

Entre os expoentes da crítica epistemológica da história no século XX se destacam os teóricos Paul Ricoeur e Hayden White. Eles foram os principais responsáveis por reformular os modos de conceber e entender a história. Tanto um quanto o outro, entende que a história não é uma verdade absoluta. A história seria uma mistura de criação e interpretação, onde os preconceitos e conceitos do historiador interferem no resultado final da criação. Pois interpretar seria participar de um processo histórico de produção de significados.